

ILUSTRACÃO PORTUGUESA 1921



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director—J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
Editor—ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 20 ctv.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:
Trimestre..... 2560 ctv.
Semestre..... 5500 "
Ano..... 10500 "

Redacção, administração e oficinas—Rua d' S. Pedro, 43—LISBOA

Maquinas e Acessorios Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA
Pedir preços, orçamentos a
C. STEFFANINA—39, R. Corpo Santo, 41

V. Ex.^a Perderá muitos kilos

SE TOMAR O

CHÁ PARA EMAGRECER DO DR. CALVERT

PREPARAÇÃO DE MADAME CAMPOS

Laureada pela Escola Superior de Farmacia da Universidade de Coimbra

De todos os medicamentos que existem para a cura da obesidade o mais eficaz é sem duvida o *Chá do Dr. Calvert*. Esta excelente preparação é considerada pelos nossos illustres clinicos como o verdadeiro especifico da obesidade.

*Sem dieta e sem nenhum INCONVENIENTE
nem PERIGO para a SAUDE*

DEPOSITOS

Laboratorio d'Academia Scientifica de Beleza

AVENIDA DA LIBERDADE, 23 — LISBOA

SALÃO MIMOSO — Rua Augusta, 282-LISBOA

BAZAR SOARES — Rua 31 de Janeiro, 234-PORTO



M.^{ME} VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 50 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.º, Esq. (Cimo da rua d'Alegria, predio esq'ua)

TRABALHOS TIPOGRAFICOS

em todos os generos

Fazem-se nas officinas

da

"Ilustração
Portuguesa"

R. do Seculo, 45

LISBOA

Tosses Cura eficaz e agradável, só com os

Rebuçados de S. Paulo

Premiados em Milão (1920)

A PRIMOROSA—R. São Paulo, 130

MESQUITA & VIGA NOVA, L.^A

Ourivesaria e Joalharía

Completo sortido—Compra cur

58, Travessa de S. Domingos, 60

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SECULO»

II Serie — N.º 780

Lisboa, 29 de Janeiro de 1921

20 Centavos



A Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Ana Perestrela de Vasconcelos e o sr. Marquez da Praia e Monforte saindo da igreja da Estrela, onde acabaram de se consorciar.

Cronica da Semana

CRAÇAS a uma sabia e produtiva combinação entre o capital e o trabalho, nem sempre irreconciliáveis, tem-se extraído ultimamente das minas inglesas tal quantidade de carvão que o preço do precioso mineral sofreu uma diminuição rápida, vendendo-se agora por metade do que custava ha tres ou quatro menses.

Como consequencia d'esse barateamento outros virão, diz-se, em curto prazo: o carvão é materia prima de quasi todas as industrias, incluindo a dos transportes, e ai teremos nós por baixo custo tecidos, ferro, aço, vidraria, mil productos, emfim, não só dos fabricados no país mas dos que somos obrigados a mandar vir de fora; a propria agricultura ha-de resentir-se da descida do preço do carvão, por motivos obvios.

Parece, pois, que ha razão, se não para desmedidas alegrias, pelo menos para um sorriso de esperanza, da parte do consumidor, e como a luz origina a sombra, já se vêem tambem caretas de desespero e de desanimo, já se ouve o rangor dos dentes dos produtores e dos intermediarios, que são peores do que aqueles. Quer dizer, lutar-se ha ainda, para que o equilibrio anterior á guerra se restabeleça, mas o barateamento deve ser uma realidade, quer queiram, quer não queiram as pessoas a quem ele não convem.

A reforçar esta doce perspectiva, dizem-nos os economistas que os cambios hão-de melhorar, em virtude da mesma causa, o que não custa a acreditar, porque não haverá necessidade de fazer os enormes pagamentos em ouro que se fazem actualmente; e muito mais e melhor nos dizem os mesmos sabios, nada, porém, de novidade, ainda mesmo para quem nunca folheou os tratados de Economia Politica.

Agora o que nos falta ver, depois de tantas circumstancias propicias ao barateamento da vida... é ela encarecer ainda mais. Não seria a primeira vez que os mais rigorosos calculos falhassem, por aquele misterioso influxo que costuma determinar os acontecimentos inesperados, a desmentir a sciencia dos homens, e que se chama Azar, como o influxo contrario se chama Sorte. E' tempo de que esta nos favoreça.

REGRESSAMOS agora mesmo da terceira caminhada até á Repartição de Finanças do nosso bairro, onde nos dirigimos na intenção de pagar, como fieis cumpridores das leis, que nos presamos de ser, a denominada «contribuição de pianos» atendendo a que, por motivos superiores á nossa vontade, somos detentores d'um d'esses incomodativos moveis.

Não acreditamos que tal contribuição vá influir sensivelmente nas receitas do Estado, mas, além da razão acima apontada, levon-nos a toda a pressa á referida repartição o aviso seguinte, publicado nos jornais de terça feira ultima: «Termina no proximo dia 29 o prazo para pagamento do imposto sobre pianos, não sendo enviada nenhuma nota aos contribuintes, e findo esse prazo a multa é de doze escudos».

Demos os primeiros passos em data de 25, visto que, se passados quatro dias não entregassemos os nossos modestos cinco escudos e trinta centavos (os trinta centavos são para um vago cofre de Emolumentos) dura penalidade nos seria imposta, equivalente ao que ganhamos em dois ou tres dias de trabalho. Pois bem: apezar

dos nossos bons desejos, demonstrados em tres dias seguidos, estamos arriscadissimos á sobretaxa dos doze escudos, comó se em vez de sermos pontuais fossamos relaxadissimos.

Depois d'uma tarefa preliminar para obtermos, no 2.º andar d'um predio da rua Castilho, um impresso «Modelo n.º 105 do catalogo», de corredor em corredor procurámos um continuo que nos indicasse o mais que tinhamos a fazer; dada a informação, com cara de poucos amigos, desecemos á tesouraria, no rez do chão do mesmo predio — mas nem a porta lográmos enxergar, pois que uma «bicha» de gente aí se alongava indefinidamente... No dia seguinte repetimos a peregrinação, com a mesma infelicidade, hontem tentámos de novo desafazer-nos dos cinco escudos e trinta centavos, e ás horas a que estamos escrevendo, 15, do dia 28, ainda continuamos de posse d'essa miseravel quantia, por que a «bicha» tem crescido de dia para dia, porque o numero de pianos n'esta cidade é infinito... Bem sabemos que poderíamos ganhar vez, ficando á porta da rua d'um dia para o outro, mas francamente, n'estas noites de relento não nos sentimos com coragem para tão grande sacrificio.

E se o prazo para o pagamento fosse prorrogado, atendendo a que nem todas as pessoas possuidoras de pianos vivem dos seus rendimentos e podem passar tres dias sem trabalhar? Aí fica o alvitre, humildemente exposto.

COM a rarefacção dos conselheiros, por absoluta impossibilidade da sua substituição, coincidiu o aumento do numero de bachareis e doutores, de que antigamente só havia viveiro em Coimbra, e que brotam e se reproduzem agora no Porto e em Lisboa, com a mesma fertilidade. Aos doutores em direito, matematica, filosofia, veterinaria, etc. temos que acrescentar, d'hoje por diante, os de farmacia, pois que o governo elevou as antigas escolas d'esta especialidade á categoria de faculdades.

Só extranhará o caso quem ignorar o amor dos portugueses pelos titulos honorificos, n'este particular justificado pelo que se dá na vizinha Espanha, onde existem os «catedraticos en botica». Temos, pois, além d'um exemplo respeitavel, a satisfação d'uma necessidade tão imperiosa como outra qualquer, e toda a censura será descabida, á nova lei, que não pas-a d'uma resultante de muitas forças concorrentes e fatais. Bem se sabe que não é d'um momento para o outro que se mudam velhos habitos, isto é, que ha-de ser difficil obrigar os freguezes a respeitar o grau de quem lhes avia uma limonada de citrato de magnesia, mas está da parte do agraciado o impôr-se pelas exterioridades, como já se impõe pela sabedoria: recomen lamos-lhes o uso constante do capelo e da respectiva borla, no exercicio das suas altas funções.

O sr. Mateus Moreno colleccionou n'um pequenino volume algumas das ousadas afirmações da «Kultur», com o titulo de «Sinfonia Ma-abri». O autor batalhou na Flandres, conheceu o inimigo bem de perto e tem, por isso, especial autoridade no assunto, versando-o com a necessaria dureza, sem esquecer a fantasia que é um dos elementos mais de atrair em obras d'arte. São 48 paginas que se lêem agradavelmente.



Acacio de Paiva





OS NOSSOS NOVOS PINTORES

LUIZ VARELA ALDEMIRA

VISITEI ha poucos dias o «atelier» d'este rapaz, que ha um ano e tal acabou o curso na Escola de Lisboa, e, confesso-o gratamente, gostei de me demorar n'aquela casita triangular com um vitral ao fundo a dar-lhe um aspecto de capela — «capela imperfeitissima», como lhe chamou o proprietario — amorosamente decorada e arrumada, como a pedir uma redôma de vidro para o resguardo da poeira...

Eu conhecia Varela Aldemira pelos trabalhos expostos na «Sociedade Nacional» e na «Escola de Belas Artes», respectivamente em 1916, 1917, 1918 e 1919, que lhe renderam menções honrosas, medalha de 3.^a classe, medalhas de honra e de prata, mas não esperava encontrar tanto; novidades até como

aguarelas e «aguas-tortes»: tazia segredo ao que se vê!

Muito novo mas muito calmo, Varela Aldemira é leve e discreto no desenho e o seu lapis desliza sobre o papel suavemente, quasi misterioso, envolvendo as pessoas e as coisas num véo transparente que é toda a sua retina...

Não mascarra, não suja, e nos seus traços é inutil procurar precipitações, equilibrando se tudo como na melodia plangente de um entardecer.

Colhi a impressão de que um artista, tão moço ainda, pensa que o colorido não está só no azul cobalto, no verde esmeraldo, nos amarelos e nas lacas, mas tambem na forma prudente e habil de colocar o preto no branco!

D'mais, isto não é novo; são exemplos fr'santes: Gustavo Doré e o nosso Sequeira, desenhadores insignes que o provaram com o claro-escuro esparso na



1. O pintor Luis Varela Aldemira no seu «atelier». — 2. A Jina.

quantidade de motivos que desenharam...

Se nos desenhos de Varela Aldemira o traçar se une como fundido em massas tenues, nos ensaios de gravura a «agua-forte», que tenciona apresentar em breve, nota-se o mesmo espirito cordato, com qualidades de excelente observação de atitudes e gestos, como na gravura intitulada «Bom humor».

Da influencia absoluta que nele exerceu o Mestre Columbano, adquiriu a calma precisa para «ver bem» o modelo vivo, a maneira no arranjo de tudo quanto paramenta um quadro, a escolha de côres que entre si harmonisem todo um ambiente e o caracter de acentuação nos detalhes, mesmo insignificantes que, justamente com o desenho mais correcto formam afinal



quadro que mais me surpreendeu: «A Dina».

Esta téla constitue a nota vibrante de tudo quanto o pintor produziu de sentimental e humano, divisando-se uma tragedia intima á luz mais pardacenta do dia, num scenario de cemiterio, entre ciprestes altissimos, mausoleus, cruces levantadas em covais salientes e plantas medrando sob o orvalho de muitas lagrimas!...

O assunto não é macabro á maneira da «L'inhumation precipitée» do belga Wiertz, como se



pode supôr: trata-se simplesmente da modelação angustiosa de uma cabeça de mulher (com cabe-



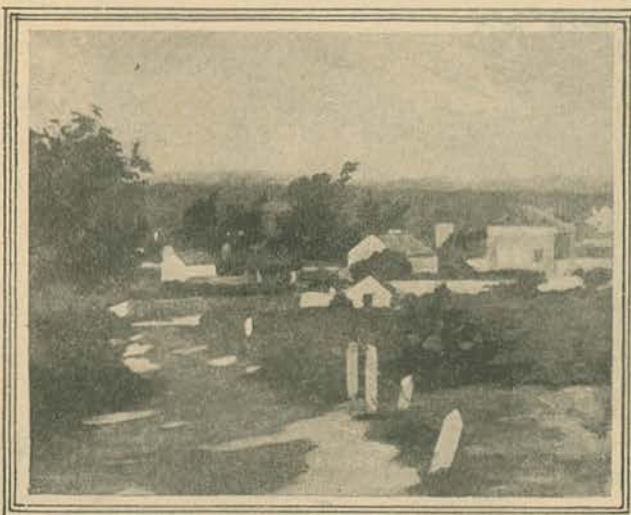
a base de toda a filosofia em materia d'arte.

Assim começa a obra, já pessoal, deste artista, podendo constatar-se isso, ainda que embrionariamente, nas suas «paisagens» (especializando a denominada «Depois da Chuva — Arredores da Figueira»), na «Manilha negra», no «Tio Daniel», na «Velha Ana», no «Retrato de Afonso Branco» e, sobretudo, no



1. «O Avaro» (aguarela).—2. «O tio Daniel».—3. «O velho das suíças»
4. «Inseparáveis» (desenho a lapis).

los ruivos a espreitarem de baixo dum gôro negro), uma italiana que todos nós conhecemos e que em tempos de plena fama pisou tabladros, frequentou palácios (creio até que chegou a «posar» para o rei D. Carlos) e que ha três anos foi acolhida no be-



em que a encontrou quando ela perdeu a filha e se arrastava de forma a compungir deveras os que a tinham admirado outr'ora.

Contou-me Varela Aldemira que durante as «poses» a pobre italiana lhe pedia que apressasse o trabalho porquanto sentia os dias contados e a necessidade de ir reunir-se á filha!

«Entrada de Aldeia»

Vaticinei ao artista que este quadro,

arripiando o espectador—como me aconteceu—não encontrará quem o adquira, apesar da admiravel novidade na carnção da figura e de outros detalhes tocados com acerto.

Mas o Varela, com simplicidade, desanuviou-me: «Deixá-lo! Eu trabalho com aquilo que sinto ou me agrada e antes de satisfazer o gosto dos outros, procuro satisfazer o meu!»

Tambem concordo, sendo talvez por isso que os desorientados são ás vezes os mais felizes, mas é



2. — Retrato do sr. Afonso Nunes Branco
3. «O homem da abobora.»

néfico regaço da Morte.

Residia essa mulher numa casa modestissima lá para as bandas do Bairro Alto, e certa manhã as visinhas depararam com o seu cadaver, já rigido, estendido no solo, apertando nas mãos a chave duma arca carunchosa em que arrecadava avaramente as joias

de boa época, os trajes de grande fausto e os loiros ressequidos de uma gloria desfeita.

Ora o pintor retratou-a no estado de animo



preferivel á banalidade das palavras o trabalho constante e honesto.

João de Sousa

OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA

NO CINEMA

Julio Diniz,
o glorioso au-
tor de
«Os Fidalgos
da Casa Mourisca».



O romance encantador a que Julio Diniz com este titulo deu vida, passou, por iniciativa da «Invicta film», das paginas niveas do papel para a movimentação da vida do «cran». E ali se desenrola toda a ação e ali a gente assiste á vivificação do que é um dos mais



balho digno de todos os encomios e só quem não seja artista e patriota em boa justiça lh'os pode negar. Os «Fidalgos da Casa Mourisca» são em qualquer parte do mundo um «film» notavel. E é caso para nos congratularmos, porque raras vezes, c o m o



lindos, um dos mais salutaras, um dos mais belos romances portuguezes. No «Cinema Condese», onde se tem exibido, o triunfo tem excedido toda a expectativa e cada dia que passa mais se accentua. E' que a «Invicta film» primou em fazer uma obra d'arte que é ao mesmo tempo um tra-



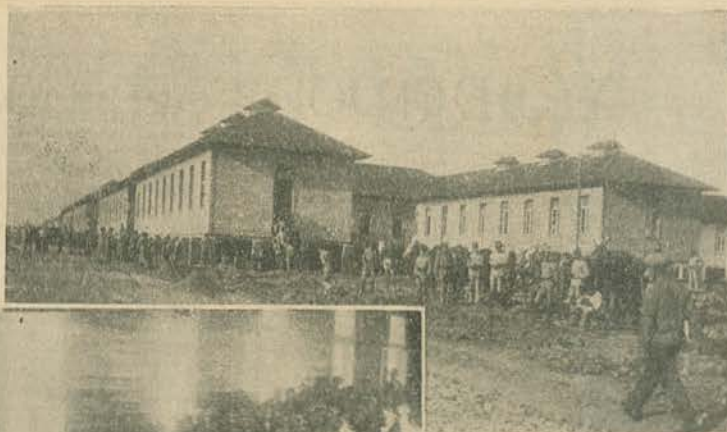
esta a belôsa da idéa se allion á perfeição da forma.

A litteratura e a arte portugueza precisam dos incitamentos da vulgarisação e propaganda que, sendo como este, são esplendidos e só teremos a ver, louvar e sentir comovidamente com o doce e glorioso Julio Diniz.

Algumas das mais notaveis passagens do «film» portuguez

Figuras e Factos

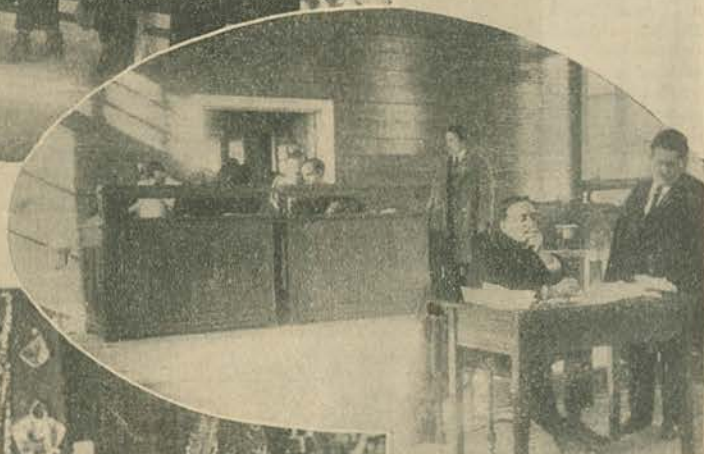
O Hospital Militar de Campolide foi adaptado a Tribunal de Defesa Social. As nossas gravuras mostram aspectos varios do julgamento ultimamente ali efectuado.



O Tribunal de Defesa Social em Campolide. O Hospital Militar, onde se realisaram os julgamentos. As forças que o guardavam.



Uma sessão do julgamento. O banco dos reus.



A mesa da presidência interrogando uma das testemunhas. No 1.º plano, o escrivão tendo à esquerda o oficial de diligências.



Exposição Regional Arte no Lar. Um aspecto da sala.



O sr. Belarmino Teixeira de Vasconcelos, falecido com a idade de 71 anos. Era comerciante muito considerado.

Na rua de S. Tiago (aos Lotos) as sr.ªs D. Adelaide de Almeida e D. Claudina Franco dos Santos realisaram a sua exposição de rendas portuguesas que tem sido muito visitada e tem merecido infinitos louvores aos entendidos no assunto.

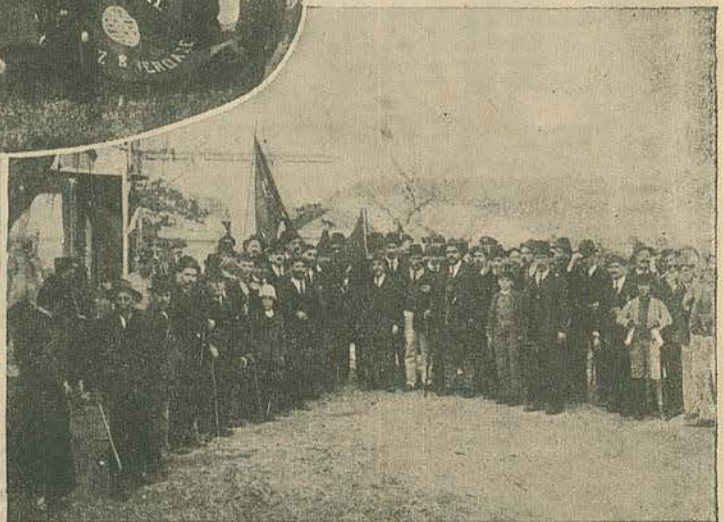


O sr. Ruy Sedas Pacheco, artista distincto, que foi nomeado professor de desenho para a Escola Primaria Superior de D. Antonio de Costa.

A Comemoração da Vitoria de Monsanto

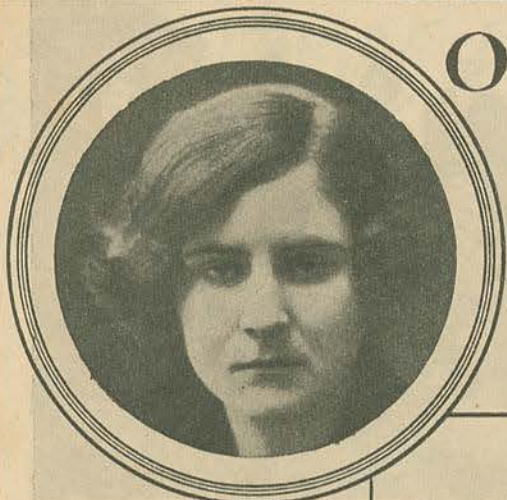


1. O Grupo de Defesa da Republica no local onde caiu morto o alferes Antonio Martins. No local onde ele caiu, a bandeira nacional.—2. O carcereiros da Cadeia de Monsanto, que se tornaram conhecidos por



3. O convívio que tiveram com diversos presos políticos.—4. A caminho do Forte.—5. A missa mandada rezar pela Juventude Integralista, por alma dos seus mortos de Monsanto.—6. Em Monsanto: Aspecto da assistência.

O LIVRO DO DIA



D. Virginia Victorino



IRGINIA VICTORINO tem finalmente á venda o seu primeiro livro de versos, a que chamou simplesmente, despretenciosamente, «Namorados».

Para todos os que esperavam com ansiedade este volume a leitura dos seus 45 sonetos foi um regalo unico, um verdadeiro oasis espiritual na sequencia monotonica de tantos dias banais; para

aqueles que unicamente o compraram por terem visto a mostra da «Portugalia» acolhido com damascos vermelhos e flores, foi uma revelação fulminante que ficará sempre presente nos seus espiritos encantados.

Namorados! Namorados!

Lindos sonetos onde se fala de amor em palavras singelas, que toda a gente entende, em versos, correntes como a agua clara d'um rio, em notas sinceras como as badaladas lentas d'um sino de aldeia.

Namorados! Toda a alma da Poetisa n'este titulo suggestivo.

Namorados aos pares por uma senda de luz, olhos perdidos n'um horizonte longinquo, unidas as mãos, unidos os corações n'uma séde de amor cada vez maior.

Lindos versos, linda alma de mulher. Virginia Victorino parece admirada do seu enorme triunfo:

—Diga-nos as suas impressões...

E a sua voz lenta, suave, bem timbrada, sóa aos nossos ouvidos:

«—Não sei.. Não esperava tanto, não mereço tanto....»

Venceu n'uma hora. No dia em que o livro se pôs á venda, não se falava d'outra coisa em toda a

Lisboa inteligente. Grupos de artistas, de poetas, de criticos e de jornalistas falavam dos «Namorados» ás portas das livrarias sem que uma só opinião divergisse na emocionante apoteose da sua consagração.

Virginia Victorino sente os seus versos, vive-os e escreve-os sómente depois de ter deixado em cada frase um pedaço vibrante da sua emoção de artista.

Um caso curioso: Ha tempos em Alcobaca, que é a sua terra, esteve gravemente doente com uma

Corações

E primavera. A minha mocidade
Abre as asas douradas e alegres.
E que triumphante sol! que alboridade!
No peito, o coração de meio-dia.

Sarde estival. Agora a minha idade
Offre o centro do vida. Quem diria!
Outono! E já Passado! E já Saudade!
Tome-me o coração de se - Inver...

Inverno. Tanto frio, tanto gelo
A cabir derregar no meu cabelo!
De meio-noite o coração, e agora,

Chegando tudo se acaba e tudo foge.
Elle é um rebolço que de horas foge,
Selo costume de hater d'isto outro...

(Credito)

Virginia Victorino

febre altissima, que a prostrou longas semanas. No dia em que já não se ponde levantar, escreveren quatro sonetos que são quatro maravilhas.

E ha poucos dias, em Lisboa, doente tambem, fez este outro soneto que hoje publicamos e que é uma obra prima de forma e de inspiração.

Poetas novos, tempos novos hão de vir... Mas este livro «Namorados» será sempre, atravez da vida, atravez d'outros livros igualmente bons, e mais emocionante, porque é aquele em que todos nós encontramos pedaços da nossa alma, aquele que será sempre verdadeiro, porque fala de amor e o amor ha de existir até ao fim do mundo,

M. T.

A ÚLTIMA CREAÇÃO DA MODA

O SEGREDO DO CHIC

POR

D. Helena d' Aragão

O sol esplendoroso de que Portugal se orgulha e que, no gozo d'um privilegio divino, guarda avaramente, como tesouro preciosíssimo, esmaltada d'ouro a nossa cidade bulhosa, em prodigalidades de nababo opulento, espalhando em torno, a animar os seres e as cousas, sinfonias maravilhosas de luz e côr.

Quem pode recordar, perante a magnificência das suas reverberações, que o inverno nos espia ainda, um tanto despeitado pela sua independência inquebrantável do Astro Rei que não se submete a limites de calendarios, pronto a lançar-lhe o repto dos seus rigores?

Que importa a porfia do tenebroso hospede em deixar suspensa sobre as nossas cabeças, durante alguns dias ainda, a ameaça sombria dos seus nevoeiros e das suas chuvas! Os dias são lindos, a cidade anima-se, sacode os membros que o frio entorpecou um pouco, aspirando francamente a alegria de viver e os «trottoirs» mal comportam uma multidão de elegancias que desfilam aos nossos olhos surpresos, saltitantes como avesitas ligeiras, ou senhoris e magestosas, como rainhas.

Os «manteaux», fiéis companheiros dos dias agrestes, em cujas golas confortáveis as gentis libeoltas afagavam, ainda não ha muitos dias, os seus «petits nez fri-leux», ficam momentaneamente em repouso, ao canto dos guarda-fatos e a «silhouette» feminina, depara-se-nos leve e graciosamente juvenil, mais adivinhada do que modelada nos irrepreensíveis «princesses» que a Moda fez reviver e que nos apresenta como «dernier cri» de elegancia, depois de convenientemente transformado

mado conforme as exigencias da linha actual.

A «toilette chic» por excellencia, para passeio, visitas e mesmo para cerimoniaes, segundo o grau de «suntuosidade que a caracterisar, é, inequivelmente, o vestido «princesse» de que as principais casas de Paris nos

apresentam modelos admiraveis e que, se não conseguem supplantar por completo os «tailleurs», surtem, entretanto, a combato seriamente n'uma concorrência perigosa.

O modelo inédito que publicamos, criação d'uma das mais reputadas casas da «Rue de la Paix», apresenta a linha modernamente adoptada para as actuaes «princesses» que a Moda distingue com excepcional carinho e que nem remotamente nos recordam os rigidos «princesses» d'outrora, barbeados, e cingidos, em que os bustos das nossas elegantes avós sofreram torturas inconcebíveis.

E' que a Moda, depois de diversos tentos, encontrou finalmente o segredo de conciliar o util e o agradável...



Rafael Bordalo Pinheiro

A sessão solene nas salas do Museu



galhães, D. Helena Bordalo Pinheiro, Dr. Magalhães Lima, D. Julietta Ferrão, Dr. Xavier da Costa, Francisco Valença e Alvaro Neves.

O busto de Guilherme de Azevedo.



Romagem do grupo de «Amigos do Museu Bordalo Pinheiro» ao jazigo do Visconde de Faro e Oliveira, onde repousam os restos mortaes do glorioso artista.

Duas salas do Museu.

No Museu Rafael Bordalo Pinheiro, fundado pelo sr. Cruz Magalhães, no Campo Grande, realison-se ultimamente uma sessão solene, a que seguiu a piedosa romagem ao tumulo do artista. São aspectos curiosos da cerimonia, os que damos hoje aos leitores da «Ilustração Portuguesa.»



A comissão organizadora dos «Amigos e defensores do Museu». Os srs. Cruz Ma-



Vida Artistica

ALGUNS DOS ARTISTAS PREMIADOS NA ULTIMA EXPOSIÇÃO
da Sociedade Nacional de Belas Artes

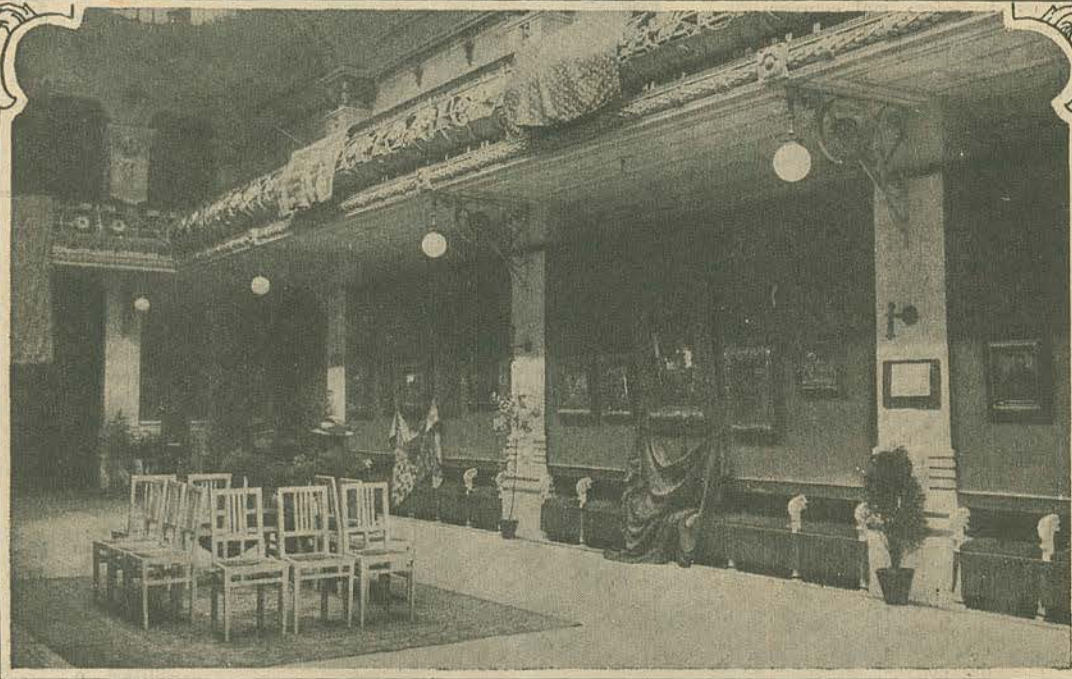


Martinho da Fonseca, que foi premiado com a medalha de honra.

NA Sociedade Nacional de Belas Artes realizou-se ultimamente uma exposição de aguarela, pastel e desenho, em que obteve a medalha de honra o pintor Martinho da Fonseca, de quem ainda ha pouco, num dos nossos ultimos numeros, nos occupámos. Foi um galardão merecido porque Martinho, que é já um pintor illustre, será sem duvida um dos maiores pintores da nossa terra. Com a 3.^a medalha



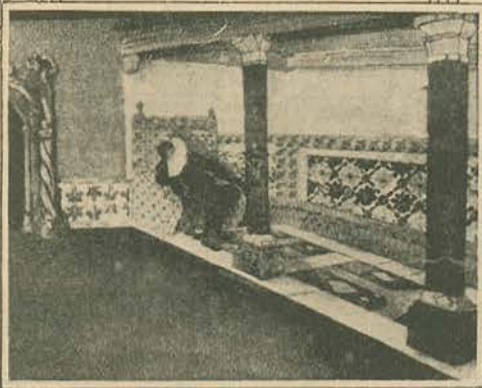
2. Bemvindo Ceia (3.^a medalha).
3. Eduardo Romero (5.^a medalha).—4. Mario Alberto de Sousa Gomes (5.^a medalha).
5. D. Berta Borges (menção honrosa).—6. Azevedo e Silva (menção honrosa).—7. Marjo Reis (menção honrosa, pastel).



Aspecto da exposição que o illustre artista José Campas está realisando no Porto, no Salão do Jardim Passos Manuel

Foram tambem premiados a sr.^a D. Maria de Lourdes Barahona Braamcamp e os srs. João Reis e Fernando David. De João Reis breve publicaremos um interessante trabalho acompanhando uma poesia de sua irmã, uma interessante poetisa.

EXPOSIÇÕES DE ARTE A DE Leal da Camara



O «Pierrot» da Raça. (D. Sebastião no Paço de Cintra).

LEAL DA CAMARA acaba de inaugurar a sua exposição de arte, quadros, moveis e ferragem de mobiliario. Na exposição de quadros, «Pierrot» tem uma



A assistencia no dia da «vernissage»
5. Alguns moveis portugueses.



parte importante. A vida de «Pierrot», o «pierrot» do nosso tempo, que é uma ironia subtil, perpassa em todas as suas modalidades. É o artista da caricatura revela-se-nos o poeta e o comovido. É interessante a sua exposição, bem como é muito interessante o seu mobiliario, algum bem elegante e todo ele cheio de um cunho artistico deveras encantador. Leal da Camara é um artista de raça e a sua arte cada dia se afirma mais alto e mais curiosamente impressiva.

O «panneau» de Veloso Salgado na Camara dos Deputados

O «panneau» da Camara dos Deputados, obra de Veloso Salgado, é uma notavel obra de arte que tem bem merecido de todos os criticos e que na sala se destaca com relevo notavel. Hoje prestamos o nosso tributo aos discipulos de Veloso Salgado, que na confecção do «panneau» o auxiliaram. São dois artistas que o tempo sagrará e que já se distinguem pelas suas qualidades de trabalho e pela sua modestia. São eles os srs. Luis Salazar Marques da Silva Junior e Julio dos Santos Jesus, de quem hoje publicamos os retratos.



Luis Salazar Marques da Silva Junior

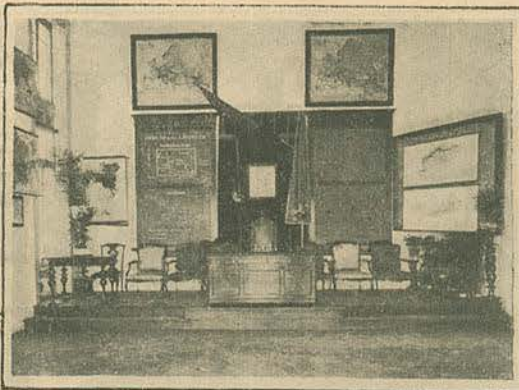


Julio dos Santos Jesus

Dois discipulos de Veloso Salgado

Vida Académica

Salã n.º 4 da Faculdade de Letras de Coimbra, onde reglia a sua cadeira o erudito professor Dr. Antonio José Gonçalves Guimarães, cujo retrato acaba de ser ali inaugurado.



Grupo de quintanistas de Direito, que na Universidade de Lisboa devem este ano terminar o curso juridico

1.º plano: — (Da esquerda para a direita): os srs. Neuparth, Cornélio da Silva, Jaime Bastos, Henrique Pinto e Bernardo Freire. 2.º plano: — Henriques de Almeida, Antonio de Barros, Pinto Coelho, Santos Marcelo, Erecina Costa, José Luis Silva Margarido, Gonçalves Pereira, Alvaro Maia e Sottomayor. 3.º plano: — Saudade e Silva, Barradas Carvalho, Barros, Alberto Jordão, Jacinto Simões, Camara, Tovar de Lemos, Manfredo Silva e Alfredo Guisado. 4.º plano: — Artur Lino, Correia Afonso, Vitor Dias, Sapority Machado, Norton de Matos, Domingos Menezes e Artiaga.



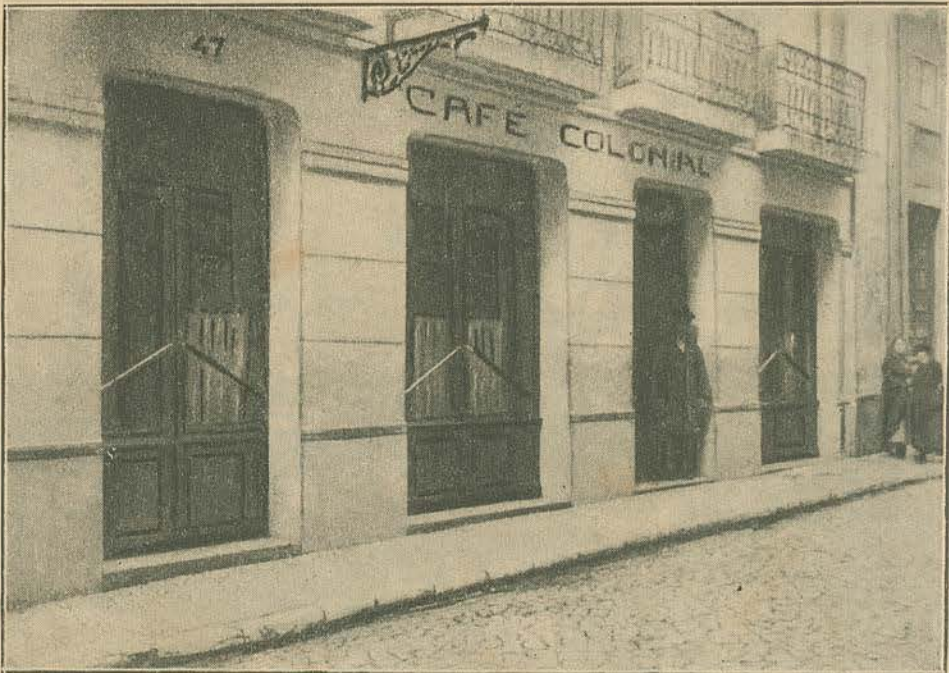
A fabrica de Moagem guardada militarmente.

A carestia da vida

A falta de pão em Almada



Aspecto da multidão que reuniu em manifestação de protesto.



Fachada do estabelecimento

AS PREDILECÇÕES DE LISBOA

O esparecimento do "Café"



ISBOA tem de ha muito a tradição do «café», como affluencia de amigos e conversadores para o desfrute do prazer de beber, de ouvir noticias, de alentar balelas, de permutar impressões de arte, de politica e de negocios e de fazer, enfim, á vida social um comentario aere ou sereno, um juizo indifferente ou severo. Certo, não floresceram aqui em

tempos distantes os tipos suntuosos dos cafés parisienses e romanos que foram como que academias de opulencia e de bom tom; mas é inegavel que á vida da nossa capital anda de antiga data ligado o vezo de fazer do «café» e maximo esparecimento, o natural galarim da exhibição, através da paixão peculiar ás épocas, á discussão dos problemas, das questões, dos gostos e dos interesses. Basta lembrar, para prova do asserto, todos os estabelecimentos do genero que desde o meado do seculo XVIII ao meado do decimo nono abundaram nos pontos principaes desta cidade. «Cafés» e botequins foram eles para tolas as classes e para muitos acontecimentos e serviram, com bastante historia e bastante anedocta, as frequentelas curiosas que constituem as mais relevantes galerias demograficas de tipos citadinos.

Citemos as casas do Rosa e de «Madama» Spencer na Rua Nova de El Rei; de Marcos Filipe no canto do Pelourinho, a do Casaca, junto á Sacristia de S. Julião; o «Neutral», em Belem, estação das rezes; a do Café Italiano ou Casa da Neve, na Arcada do Terreiro do Paço, ainda hoje existente; a de Martinho Rodrigues, hoje o «Martinho» do Largo de Camões; a do «Grego», no Cais do Sodré; a dos Marrare, no Arco do Bandeira e no Chiado; a do Parras, no occidente do Rocio e a do italiano Nicola, cujo bilhar ficava onde é hoje a nossa sucru-

sal, tendo decorrido aí muitos dos dias e noites esfuasiantes da vida boemia e poetica de Bocage.

Pina Munique, em todo o vigorar da sua Intendencia, assinalou bem a função desses cafés e botequins, trazendo-os sempre de olho, quer suspetando-os de maledicencias do Estado, quer coibindo-lhes os despejos dos ribaldos e dos esturdios. E' que os cafés desempenharam em toda a parte um papel de agitadores de opinião, de viveiros do Riso; e nesta expressão, como noutras, os vamos encontrar ainda hoje por esta cidade modernisada e ridente a que a natureza deu o condão magnifico de se repousar na magestade de sete colinas.

Presentemente, a vida de «café» intensificou-se entre nós de modo a absorver no seu meio uma parte grada da atenção particular, atraíndo todas as horas de ocio do habitante, ocioso ou não. A' noite, o abancar á mesa de um «café» não se consegue sem uma grande espera arreliante ou sem percorrer todos os estabelecimentos da classe, quasi desesperando do exito. E' a congestão da frequencia, através da onda do urbanismo. Nesta emergencia do engrandecimento da cidade, um novo estabelecimento surgiu ha pouco, ganhando logo um publico grande, característico e amigo. E' o «Café Colonial», na Rua 1.º de Dezembro, 47 a 53, casa ampla e franca, harmoniosa de arte, grandiosa de ambiente. Fundou-o, para descongestionar a frequencia dos outros «cafés», o admiravel homem de comercio e de trabalho que é o sr. Isidro Lopes, nome a que andam ligadas tantos cometimentos recentes do desenvolvimento comercial de Lisboa.

O «Colonial» é o segundo, em grandeza, dos estabelecimentos congenéros na cidade; mas é, sem contestação, o primeiro em manter o agrado dos frequentadores, visto que lhes proporciona um pes-



Um aspecto do estabelecimento

soal «consigné» de atenção delicada e solícita, e um café excelente, adquirido sempre nas nossas colónias que o produzem como nenhuma plantação doutra parte do mundo. Depois... nós somos francos. Bebemos ali uma chavena dessa bebida de que somos «gourmets» até á paixão por doze centavos... E' um preço grato. E' afaga-nos esta barateza nos tempos rudes de carestia que vão para aí

passando, como associações malditas. E' um preço de afago, ao publico, sim. E de afago tão brando como aqueles lindos «panneaux» de José Reis, e aquela difusão branquíssima de grande luz que fazem do Café Colonial uma casa de delizioso esparecimento, por onde paira todas as noites metade desta Lisboa que em urbanismo febril engrandece espantosamente.



Outro aspecto do estabelecimento



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

Preparativos carnavalescos



Na toilette:

— Vamos a ver se com esta mascara não me conhecem..



PALESTRA AMENA

"Honni soit..."

Consultou-nos ha dias um nosso amigo, o «P», folgasão incorregível, apesar de ter mulher e oito filhos, entre machos e femeas a sustentar e de só ter o ord'nado de 2.º official d'um qualquer ministerio, sobre o fato com que este ano se ha-de mascarar, para ir aos bailes dos teatros, porque sem esse pratinho é que não passa: é n'essa ocasião que desabafa, sem receio, que chama pulha a quem vê no baile bem vestido e bem nutrido, que descompõe as mulheres bonitas, por não lhes poder chegar, que discursa no meio da turba contra o chefe da sua repartição e todos os outros superiores, que o obrigam a trabalhar como um moiro — no tempo em que os moiros trabalhavam. E como notasse a nossa hesitação em nos pronunciarmos, disse:

— Quería um fato que ficasse baratinho... Manda-lo fazer, não posso... Aluga-lo, também não...

Alvitramos, timidamente:

— Não tens lá por casa um fato teu, velho?

— Não; o velho que tenho é este e não tenho nenhum mais, nem novo, nem velho.

Lembrámos:

— Porque não vestes um fato de mulher? Não digo de tuas filhas, porque não te serviria, mas de tua esposa que é alta e magra como tu?

— Magros somos nós todos lá em casa. Mas para eu vestir um fato de minha mulher, não podia ela sair, porque também tem só um...

— Achei!

— Ainda bem, homem!

— Uma camisa de tua mulher. Ficavas engraçadissimo...

Quedou-se alguns momentos silencioso; julgámos perceber e dissemos, sorrindo:

— Tua esposa tem só uma camisa, hein?

— Não tem nenhuma, confessou ele, envergonhado.

Ficámos tão envergonhados como ele e não soubemos, com franqueza, como havíamos de resolver a dificuldade. Parecen-nos apenas conveniente pronunciar algumas palavras de dó acerca das roupas interiores da mulher:

— Coitada! dissemos. Então ela anda sem camisa?

— Anda. Tanto em casa como na rua. Mas não se importa.

«Como é coisa que não se vê...

Depois, arrependido pela inconfidência:

— Guarda segredo, hein? Olha que mais ninguém sabe que minha mulher é tão pobre de roupas brancas senão ela, eu e agora tu.

— Vai descansado, homem.

Ora, calhou n'aquele mesmo dia irmos dar um passeio a Palhavã a fim de assistirmos a um torneio de «football», por sinal que é um espectáculo saudavel, um «sports» que muito en-

rija os musculos e que n'aquella tarde sómente causou a fractura de seis tibias, que nós sabíamos.

Ali encontramos o «X», também muito nosso amigo, com quem pegámos logo de conversa e como ainda tínhamos frescas as palavras do «P», contámos-lhe os assados em que este se encontrava para ir disfarçado aos bailes de mascarar—sem aludir, é claro, ao guarda-roupa feminino lá da casa.

Ao principio não se lembrava de quem era o «P». Demos-lhe os sinais:

— E' um alto, magro, moreno.

— Não me recordo.

— Homem! usa bigode e pera...

— Por mais que faça...

— Traz sempre fato castanho, botas amarelas cambadas...

— Profissão?

— E' official d'um ministerio.

O «X» batendo na testa:

— Ah! já sei! E' um sujeito casado com uma mulher que não usa camisa, não é?

Caimos das nuvens. Ainda hoje não conseguimos saber como o «X» descobriu tão intima particularidade!

J. Neutral.

Que sorte!

Ha pessoas com muita sorte! Uma pelo menos, conhecemos nós, que nasceu n'um fole: o sr. Cunha Leal. Imagine-se que havia imprensa a valer, a que estaria estas horas reduzido, moralmente falando, o sr. ministro das finanças! Assim, aguenta-se, diz o que quer, faz o que quer e como só atravez de dois órgãos as suas vozes e façanhas chegam, sem resonancia, ao conhecimento do publico, mal se dá pela existencia de pessoa ainda ha pouco tão discutida.

Reconhecer-se-ha, afinal, que a im-



pressão não vale de nada ou, pelo contrario, avoluma demasiadamente as pessoas e as coisas, apresentando-as com formas e aspectos falsos?

Será um o sr. Cunha Leal com imprensa—o feroz—e outro sem ella—o manso?

Tudo concorre para o descrédito da imprensa, digam o que disserem. Pois n'um paiz onde se não sabe ler para que diabo servirá ella?

Armas terríveis

Uma noite d'estas (ao que narram os numerosos jornais de Lisboa) a policia fez uma rusga, apreendendo grande numero d'armas, entre ellas... um garfo.

Não sabíamos que o garfo era arma e muito menos proibida. Vá lá a gente fiar-se em alguém! Um garfo, um simples utensilio que até agora servia apenas para espetar um naco de carne ou outra qualquer comida, elevado á categoria de navalha de ponta e mola — é um cumulo! Emfim, todas as precau-



ções são poucas nos tempos que vão correndo e não nos admiraremos quando virmos nas occorrencias das ruas noticias n'este teor:

«Tentou hontem suicidar-se, enterando uma colher na boca do estomago, o sr...»

«Esta manhã deu-se um acontecimento deveras tragico na rua... predio n.º... O sr... surpreendeu a esposa com o amante e cravou no coração do sedutor uma rolha de cortiça. A victima faleceu instantaneamente.»

«Deu-se ante-hontem uma grave desordem em Braço de Prata, ficando feridas varias pessoas, entre ellas o sr... a quem F... abriu a cabeça com uma folha de papel mata-moscas...»

Torre de Chifre

AS VIOLETAS

Espreitam todas modestas
Entre as hervas dos quintais
Nas alamedas das florestas,
Entre as pequenas giestas,

No seio dos pinheirais.
Nenhuma d'elas é orgulhosa
E bem se podia orgulhar
Tanto ou mais do que a rosa,

Do que a dalia formosa
Nos jardins a brilhar.
Com elas fazem-se raminhos
E que suave é seu cheiro

Que até atraí os passarinhos
Que pede apenas carinhos
Do poeta verdadeiro!
Algumas na minha horta

Nasceram expontaneamente.
O' ninguém! ninguém as corta!
Porque uma violeta morta
E' assassinar um inocente!

MARIA CANDIDA



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida Zefa.

Al Jasus que grande desgrasia acudedeu cabado pagado nu triato nasslonal. Olvi lá alumiar que dênos as tardias gueregas nunca se viu uma coisa acim tan orrvile! Vou te ispicar pouco mais ó menos. A D. O'gusta Curdeiro casou com u Iduardo Rapouso i istás a ver que um curdeiro i um rapouso nan pudiam fazer vóa liga; a O'gusta tem um jenio que intó pairesse u Cunha Lial i tem tamem um filho que arrespêto de jenio cai á mãi nanja ó pal, cujo filho é u Albuquerque que istá de casa i pucarinho com a Laura Crus i ela já tem de êle um filho fêto de trapos que nunca xora i u Albuquerque tamem quer casar cum a Palmíria Torres cuja esta quer casar cum u Freitas i viso verço. O Albuquerque dále u jenio nu fim do prumêro ato, agarra n'uma ispingarda, apunta ó Freitas i mata u pai Rapouso:—Al filho que mataste lo tê pai! grita a Curdeiro i cai u pano.

Nu cigundo ato istão toudos de luto mas ninguem xora a morte do Rapouso inceto a Palmíria que nan le era nada mais da auga nim du sal. I vai dalm u Albuquerque cempre cu a fineta de casar cum a Palmíria, porque predeu á batota na peraita da Zanaré i a caxopa istá pra arreseber 300 libras do brasil nella ajensia financial que ce cahhar nan le xegam cá nim desasseis mel réis. A Palmíria continua a crer u Freitas i viso verça i nu fim do cigundo ato dois omes pur conta do Albuquerque rapetam i prantam um lerso na boca da Palmíria i levam a ditã apurvelando a incasião in que ela istá a ver paçar a purcissão i touda a jente a cantar o Nume de Maria tan bunito é.

Treseiro ato. N'um palheiro toudo alagado istá incraserada a Palmíria que cumo leu aquela istoira do fajum do lorde de Corque tamem nan quer cumer. Entra a Laura cum u caxopo ó péto i tal cim cinhora nan desgrasse u Albuquerque; nisto entra a mãi Curdeiro eguidã pello Freitas á um grande carilho i ós pois vem u juiz de paz mailos cabos de pulissa buscar u Albuquerque porque u prior tinha ditto que elle tinha rapetado a Palmíria, e Palmíria diz que não i ai fica u Freitas toudo iscamado a xamar numes felos á Palmíria que nan faz cenão termelicar i istá cum uma cara mais branca qui u papelê. Vamos pró quarto. A Laura istá lá, a metter a roupa da Palmíria nu xoto porque ella vai inté que infim casar cu Freitas porque já istão bem. A Laura tem cêde i vai pra beber uma xásada ca patiffa da Curdeiro preparou prá Palmíria. Flizmente bebe um puero d'auga d'um cantro. Entra u Albuquerque xeio de pó i cum munto çangue nu pescosso. Que flxeste, ó maroto? Mattei u Freitas, diz u Albuquerque. I cumo istá cum cêde bebe a xásada que era prá Palmíria i que é um grandeissemmo veneno.—O'nha mãi! grita ete ós pois! istou cum as intranhas a arder! Entra a Curdeiro.—Sê se foi du xá! diz u filho da mãi á mãi do filho. Ah! ah! ah! diz a Curdeiro a rir i fica logo ali doidinha de toudo acim cumo caxe toudos us ispetadores, mas flizmente entra u prior resa

EM FOCO

Amelia Guimarães Vilar

(Autora do livro «O meu rosario»)

*Passei as cartas d'ele, com receio
De as manchar com meus dedos; entendi-as:*

*Padre-nossos contem e Avé-Marias
D'um leve balbucio e casto enleio...*

*Tentei resa-lo, mas em vão! Deixe-o
E as minhas pobres mãos penderam, frias...
Cobrem o templo abobadas sombrias,
Já o ceu não diviso e já descreio...*

*«O meu rosario»... Quem me dera havê-lo
Nas horas em que eu tinha confiança,
De lindo sonho e não de pesadêlo!*

*Hoje, á primeira Gloria a mente cança,
Lábios imoveis, que m'os cerra o gelo...
Resas d'amôr não sei resar, criança!*

BELMIRO



o responso ó Albuquerque i diz cu Freitas nan murreu porque a facada nan fol ben nu curasão i touda a facada tem cura nan xigando ó curasão. Cal u pano, á palmas ó otor que é u Galo i que fica toudo contente porque vai fazer outra fitta cumo fez cum u condenado i cempre áde aver quem vá na fitta i cum isto nan te infado mais porque esta já istá istença i intão muntas alimbransas a touda a ubrigassão i coldades du têu du curasão inté cando deus noço sinhor quixer.

Jerolmo,

Emprezario do Paulteamã de Peras Rulvas.

A mulher no presente e no futuro

Pedimos venia á sr.^a D. Laura Maranhão Sobral para d'scordarmos d'alguns pontos da interessante conferencia que fez ha dias no Ateneu Commercial, com o tema acima indicado.

Disse, por exemplo, que «a mulher no presente é o instrumento docil e inconsciente dos caprichos masculinos» quando a inversa é que é verdadeira. Onde ha homem que resista a caprichos d'uma mulher, se ella sabe—desculpe-se-nos o prosaico da frase—levar a agua ao seu moinho?

Chamon-lhe «vitima submissa e indefesa da tirania», quando a verdade é que ninguem a tiranisa e basta contraria-la para ella se não submeter e pira se defender com unhas e dentes, ou, o que é peor e mais eficaz, com um simples sorriso. Vitimas...

E' certo que se dá ares de vitima muitas vezes, mas é para melhor tiranisar o homem...

A'cerca da mulher no futuro é que, a julgar pelos extratos da exigua imprensa que temos agora, pouco disse ou nada. Pois vamos nós dizer: a con-

tinuar como até aqui a mulher no futuro apparecerá decotada até á barriga e, a contar debaixo para cima, descoberta até ao quadril, o que, bem se sabe, a tornará mais suportavel ao homem que lhe pagar as «toilettes», mas que deve ser origem de muitas pneumonias, e necessariamente prejudicial para quem queira ser boa mãe, boa esposa e boa filha, porque os medicos e os boticarios levam coiro e cabelo.

O de maior circulação

Quem tem andado contente como um rato com a grêve da imprensa jornalística é o nosso eminente colega «Diario do Governo». Não oculta a sua alegria, porque é hoje, sem sombra de duvida, o jornal de maior circulação do paiz. Pessoas que não o conheciam se não do nome, atendendo á falta d'ou-

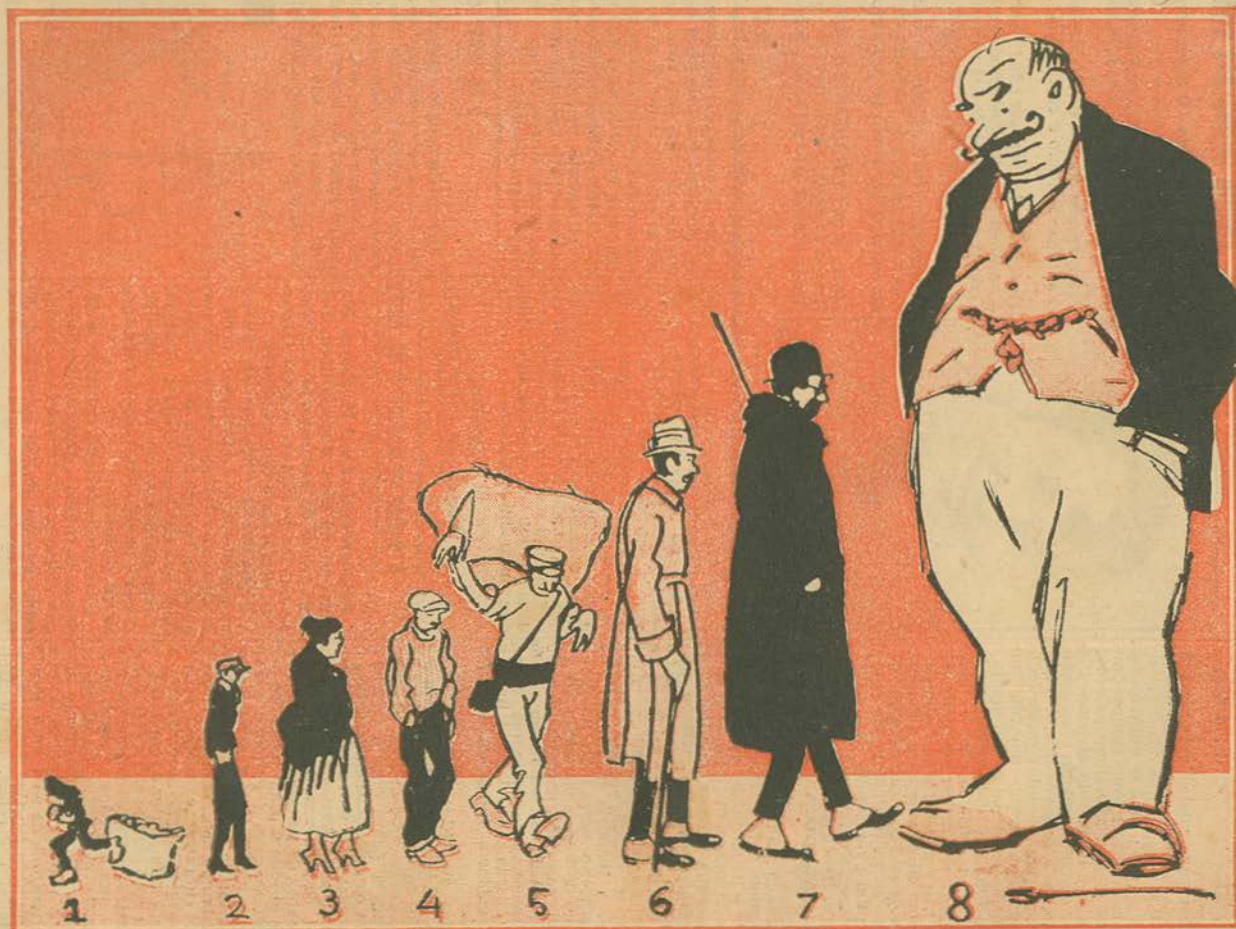


tros jornais, são hoje uns leitores assiduos.

Em vista do exito que tem tido, o simpatico órgão vai meter folhetins, charadas, uma secção de modas, etc. etc.

Parece que o Juca e o Zecas estão dispostos tambem a colaborar, oferecendo-lhe as snas interessantissimas fittas.

ESTUDO COMPARATIVO (Segundo a importancia do delito)



1 O facinora que rouba um pão.— 2 O patife do conto do vigário.— 3 A desavergonhada gatuna de forasteiros.— 4 O ladrão vitrinário.— 5 O freguês que não pesa o pão.— 6 O sr. das gulas das substancias.— 7 Sua ex.ª, o que se alcança.— 8 O abastado açambarcador.